

OS PRECURSORES DO MODERNO MOVIMENTO DE RESTAURAÇÃO APOSTÓLICA

*Augustus Nicodemus Lopes**

RESUMO

Este artigo trata das origens históricas e teológicas do moderno movimento de reforma apostólica surgido em anos recentes dentro do neopentecostalismo. Aborda primeiramente as reivindicações ao apostolado de Cristo feita por líderes gnósticos nos primeiros séculos da igreja cristã e em seguida os ensinamentos oriundos de Edward Irving sobre a necessidade da restauração apostólica antes da segunda vinda de Cristo. O artigo termina com uma comparação entre a Reforma Protestante e esses movimentos restauracionistas, indicando a principal diferença entre eles, a saber, que os reformadores queriam uma reforma baseada no retorno ao ensino dos apóstolos, em contraste com a busca do ofício dos apóstolos feita pelos movimentos restauracionistas.

PALAVRAS-CHAVE

Apóstolos; Sucessão apostólica, Edward Irving; Presbíteros; Mani; Maniqueu; Marcião; Irvingitas; Pais da Igreja; Reforma protestante; Eclesiologia; Governo da igreja.

INTRODUÇÃO

Em anos recentes vem surgindo em todo o mundo um sem-número de apóstolos, redes apostólicas e ministérios apostólicos como resultado do que tem sido chamado de “reforma apostólica”. Os adeptos desse movimento

* O autor é ministro presbiteriano, mestre e doutor em interpretação bíblica do Novo Testamento, professor titular de Novo Testamento e vice-diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro.

acreditam que ele seja um complemento necessário, ainda que tardio, à Reforma do século XVI, a qual teria deixado inacabado o restabelecimento, na igreja, dos dons espirituais mencionados na Bíblia.

No Brasil o movimento apostólico vem crescendo a olhos vistos. Diferentes redes apostólicas vêm sendo criadas, com centenas de apóstolos afiliados. Por sua vez, boa parte dessas redes está associada à Coalizão Internacional de Apóstolos, liderada mundialmente pelo “apóstolo” Peter Wagner, bem conhecido no Brasil por seus livros sobre batalha espiritual e, mais recentemente, sobre a restauração do ministério apostólico.¹ Essa coalizão é representada no Brasil pelo “apóstolo” Renê de Araújo Terra Nova. Em 2005 foi criado o Conselho Apostólico Brasileiro, que conta nas suas fileiras com apóstolos brasileiros como Neuza Itioka, Valnice Milhomens, César Augusto, Dr. J. Moura Rocha, Josimar Salum, Estevam Hernandes, Marco Antônio Peixoto, Márcio Valadão, Jeshar Cardoso, Arles Marques, Francisco Nicolau, Sinomar Fernandes, Paulo Tércio, Alexandre Nunes, Paulo de Tarso, Ebenézer Nunes, Mike Shea, Dawidh Alves, Luiz Scultori Júnior, Hudson Medeiros, etc. O propósito do Conselho é comandar e dirigir os ministérios apostólicos existentes no Brasil, oferecendo “cobertura apostólica” aos mesmos.

O anseio pelo ofício de apóstolo não é novidade. Muito antes do surgimento dos apóstolos neopentecostais, alguns movimentos dentro da cristandade já haviam reivindicado o título para os seus dias. Nosso objetivo neste artigo é analisar essa reivindicação que foi feita logo depois da morte dos doze apóstolos de Cristo e do apóstolo Paulo, e em outros períodos da igreja cristã.

1. DEPOIS DOS APÓSTOLOS

É transparente no Novo Testamento, especialmente no livro de Atos dos Apóstolos, que a estratégia dos apóstolos para a continuidade da igreja de Cristo foi instalar presbíteros que a edificassem sobre o fundamento que eles haviam lançado, que era o próprio Cristo. Além do pastoreio do rebanho que lhes foi confiado, o trabalho desses presbíteros seria preservar e ensinar a doutrina apostólica registrada nos escritos que os apóstolos, e pessoas associadas a eles, haviam produzido, e que viriam mais tarde a compor o Novo Testamento. Esses escritos funcionavam como mediadores da presença dos apóstolos para os crentes de todos os lugares e de todas as épocas.

¹ C. Peter Wagner é provavelmente o representante mais conhecido desse movimento em termos mundiais. Considerado o patrono do movimento de restauração apostólica, publicou dezenas de livros sobre o assunto, entre os quais WAGNER, C. Peter (ed.). *The New Apostolic Churches*. Ventura, CA: Regal Books, 1998; *Churchquake: How the New Apostolic Reformation is Shaking the Church as We Know It*. Ventura, CA: Regal, 1999; *Apostles and Prophets, the Foundation of the Church*. Ventura, CA: Regal, 2000; *Spiritual Warfare*. Ventura, CA: Regal, 2006.

Todavia, logo depois da morte dos doze apóstolos de Cristo e da de Paulo apareceram dois tipos de movimentos na igreja cristã reivindicando uma associação particular e exclusiva com eles. O primeiro foi o surgimento de mestres heréticos dentro do cristianismo defendendo a “restauração” do ofício de apóstolo ou reivindicando sua legítima representação para conferir autoridade aos seus falsos ensinos. O outro movimento, que surgiu em parte como uma reação a este, defendeu o conceito de “sucessão apostólica” por meio de bispos.²

Não iremos nos deter no exame detalhado deste último movimento, pois cremos que os modernos apóstolos neopentecostais não se classificam nele. Vamos nos concentrar no primeiro tipo de movimento, geralmente encabeçado por heréticos, que consideravam o ofício de apóstolo essencial para a restauração da igreja cristã às suas origens. É aqui que iremos encontrar os precursores do movimento da “nova reforma apostólica”.

2. OS APÓSTOLOS GNÓSTICOS

O gnosticismo foi a mais perigosa das heresias que ameaçaram o cristianismo nascente. Ele estava no ar durante os primeiros três séculos da era cristã, influenciando até o judaísmo e grupos de judeus-cristãos. Representou uma ameaça para a igreja maior do que as perseguições do Império Romano.³

“Gnosticismo” vem de γνῶσις (*gnosis*), palavra grega que significa conhecimento em geral. Entretanto, na história antiga era uma palavra carregada de conteúdo religioso, pois apontava para um conhecimento secreto sobre a salvação da alma. Ensinava que o homem é um espírito encarcerado na matéria. Ele precisava de conhecimento para saber como chegou a essa situação e como poderia escapar dela. Bem cedo a igreja se encontrou com representantes dessas ideias: Simão Mago em Samaria (At 8.10,21), a “heresia de Colossos” (Cl 2.8,18-23), Cerinto e aqueles que negavam a encarnação (1Jo 1.1-3; 2.22; 4.2,3; 1Tm 6.10), para mencionar os casos mais claros. Todos os grandes teólogos cristãos dos primeiros séculos combateram essa tentativa de tecer um sincretismo entre o evangelho e esse pensamento pagão. O que mais nos interessa, no momento, é que alguns dos líderes gnósticos se apre-

² Os episcopais declaram que o conceito episcopal de sucessão por meio de bispos é diferente do conceito católico romano de sucessão apostólica por meio dos papas. Cf. ROBINSON, Donald W. B. Apostleship and apostolic succession. *Reformed Theological Review* 13/2 (1954), p. 33-42.

³ Esta seção sobre o gnosticismo se baseia no *excursus* de Frans Leonard Schalkwijk sobre o tema no meu livro *Comentário em 1 João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. Para maiores informações sobre o gnosticismo, ver: ELWELL, Walter A.; COMFORT, Philip Wesley (eds.). *Tyndale Bible Dictionary*. Tyndale Reference Library. Wheaton, IL: Tyndale House, 2001, p. 535-536; J.W.D., Gnosticism. In: WOOD, D. R. W. (ed.). *New Bible Dictionary*. Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996, p. 415-417.

sentavam como apóstolos de Jesus Cristo. Considerando que o gnosticismo, em sua forma mais elaborada, pertence ao século II e seguintes, é natural que tenha tirado esse título do cristianismo, que o antecedeu.⁴ A atitude dos gnósticos para com os apóstolos de Jesus Cristo era geralmente de crítica por não terem entendido os ensinamentos do Mestre. Na “Carta de Pedro a Filipe”, documento gnóstico do final do século II ou início do século III, os doze apóstolos são representados como ignorantes do verdadeiro sentido dos ensinamentos de Jesus.⁵

De acordo com Schmithals, o termo “apóstolo” ocorre constantemente nos escritos gnósticos existentes.⁶ Simão Mago, que aparece nos textos gnósticos como um emissário de Deus, é chamado em termos similares ao de um apóstolo.⁷ De acordo com Eusébio, Menandro, outro líder gnóstico, declarava ter sido “enviado” dos *eons* invisíveis para trazer salvação aos homens. Os apóstolos de Cristo, supostamente falando nas *Constituições Apostólicas* (documento falsamente atribuído a eles), dizem que, depois que os apóstolos de Cristo saíram pregando o evangelho aos gentios, “o diabo operou no meio do povo para levantar falsos apóstolos, para corromper a Palavra; e enviaram, então, um tal Cleobius, que se juntou a Simão, o Mago”.⁸ Evidentemente, Simão, o Mago e Cleobius eram considerados apóstolos gnósticos. Schmithals menciona ainda que Cerinto também foi chamado de “falso apóstolo” na *História Eclesiástica* de Eusébio.⁹

É evidente que os gnósticos muito cedo estavam reivindicando para si e seus líderes o mesmo título dos doze apóstolos de Cristo e do apóstolo Paulo, para dar autoridade e credibilidade aos seus ensinamentos falsos. O título de apóstolo era o preferido porque era o ofício mais elevado da igreja cristã e porque os apóstolos tinham estado em contato direto com Jesus Cristo. Dentre os mestres gnósticos, destaquemos especialmente Marcião e Mani.

⁴ Ao contrário do que afirma SCHMITHALS, Walter. *The Office of Apostle in the Early Church*. New York: Abingdon Press, 1969, que defende a primazia do gnosticismo e que a igreja cristã obteve dos gnósticos seu conceito de pluralidade de apóstolos. Schmithals é representante da escola de Rudolph Bultmann, que entendia que o Novo Testamento era basicamente um documento nascido no gnosticismo e foi por ele profundamente influenciado.

⁵ Cf. LUTTIKHUIZEN, Gerard P. Witnesses and Mediators of Christ’s Gnostic Teachings. In: HILHORST, A. (ed.). *The Apostolic Age in Patristic Thought*. Boston: Brill, 2004, p. 104-114.

⁶ SCHMITHALS, 1969, p. 147.

⁷ SCHMITHALS, 1969, p. 159.

⁸ *Constituições Apostólicas*, VI.8. Sobre esse documento, ver: Apostolic Canons. In: CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, Elizabeth A. (eds.). *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005, p. 90.

⁹ EUSÉBIO, *História eclesiástica*, III.28.2.

2.1 Marcião

Começamos com Marcião. Ele apareceu no século II como mestre cristão, defendendo o docetismo, ensino que negava a encarnação real de Cristo.¹⁰ Foi excomungado da igreja cristã em 144 d.C., por heresia, mas seu movimento ainda continuou até meados do século IV, especialmente no Oriente. O ponto central de Marcião era que somente o apóstolo Paulo havia entendido quem era realmente o Deus de Jesus Cristo, um Deus de amor, em contraste com o Deus do Antigo Testamento, que era irascível, cruel e vingativo. Os doze apóstolos de Cristo, por causa dos resquícios de seu judaísmo, não conseguiram perceber que o Deus de Jesus Cristo era o oposto do Deus do Antigo Testamento e que esse Deus de amor tinha como alvo derrubar o “demiurgo”, nome que Marcião atribuiu ao Deus das escrituras judaicas.¹¹

Tertuliano (160-225), um hábil teólogo e mestre cristão, escreveu uma extensa refutação das ideias de Marcião e reagiu da seguinte maneira ao ensino dele de que os apóstolos de Cristo não haviam compreendido corretamente a mensagem do Mestre:

Eles [Marcião e seus seguidores] geralmente nos dizem que os apóstolos não sabiam de todas as coisas: mas, aqui, eles são impelidos pela mesma loucura, pois se voltam exatamente para o ponto contrário, e declaram que os apóstolos certamente sabiam de todas as coisas, mas que eles não passaram todas elas a todas as pessoas. Em ambos os casos, eles expõem Cristo à vergonha por enviar apóstolos que eram ou ignorantes demais ou ingênuos demais.¹²

Marcião compôs um cânon de escritos que ele julgava inspirados, composto de dez cartas de Paulo (menos as pastorais) e uma versão mutilada de Lucas, que tinha sido companheiro de Paulo.¹³ Desta forma, ele se colocou como o único intérprete verdadeiro de Paulo, e mesmo que não tenha reivindicado ser seu sucessor, certamente se apresentava como aquele que havia chegado para restaurar a verdade dos apóstolos. Irineu, em sua obra *Contra as Heresias*,

¹⁰ Cf. TERTULIANO, *Adversus Marcionem*, iii.8. Os escritos de Marcião se perderam, restando apenas partes reproduzidas nas obras de seus adversários, dos quais o que mais o cita é Tertuliano. Para um resumo sobre Marcião, ver: WEBBER, R. E. Marcion. In: DOUGLAS, J. D.; COMFORT, Philip W. (eds.). *Who's Who in Christian History*. Wheaton, IL: Tyndale House, 1992, p. 453. Ver ainda: SCHAFF, Philip; SCHAFF, David Schley. *History of the Christian Church*. New York: Charles Scribner's Sons, 1910, vol. 2, p. 486ss; CROSS, LIVINGSTONE, 2005, p. 1040. Esta última obra traz uma extensa bibliografia de estudos acadêmicos sobre Marcião.

¹¹ Ver especialmente TERTULIANO, *Adversus Marcionem*, iv.3.

¹² TERTULIANO, The Prescription Against Heretics. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland (eds.). *The Ante-Nicene Fathers: Latin Christianity: Its Founder, Tertullian*. Trad. Peter Holmes. Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1885, vol. 3, p. 253.

¹³ Cf. IRINEU, *Contra as heresias*, 1.17.2.

curiosamente menciona um herético de Roma, de nome Cerdo, o qual, segundo ele, “ocupou o nono lugar na sucessão episcopal a partir dos apóstolos”. Em seguida diz que Marcião “o sucedeu e desenvolveu sua doutrina”.¹⁴

Tudo isto, especialmente a associação exclusiva com o ensino verdadeiro do apóstolo Paulo, obrigou os teólogos cristãos da época a reagir. Além de responderem com um cânon mais completo das Escrituras do Novo Testamento (como Irineu, por exemplo) e com a elaboração das chamadas “regras de fé”, sumários da sã doutrina que tinha origem nos apóstolos (a mais conhecida é o *Credo Apostólico*), apelaram para a tradição apostólica e a sucessão apostólica mediante os bispos como o meio pelo qual a verdade teria sido entregue, preservada e transmitida na igreja.¹⁵

2.2 Mani ou Maniqueu

Semelhante a Marcião em suas pretensões, o filósofo, astrônomo e pintor Mani ou Maniqueu (216-277) fundou o “maniqueísmo”, um tipo de gnosticismo dualista e sincrético, com elementos do cristianismo, zoroastrismo, judaísmo, budismo e hinduísmo. Para ele, havia duas forças opostas em Deus, luz e matéria, o bem e o mal, em constante conflito no presente mundo, aprisionando a humanidade num esforço para vencer as trevas e o mal pelo conhecimento desse dualismo e pela preservação da chama de luz que havia em todo ser humano. No juízo final, luz e trevas serão finalmente separados, para sempre. As ideias de Mani se espalharam rapidamente pelo mundo da sua época e chegaram a influenciar pessoas como Agostinho, que antes de sua conversão seguiu o maniqueísmo por cerca de nove anos.¹⁶

Mani se apresentava como o “paracletos” (Consolador) que Jesus havia prometido enviar a seus discípulos (Jo 14.16,26; 15.26; 16.1,7). Não somente isto, mas também como o mediador último da revelação prometida a Jesus, Abraão, Zoroastro e Buda. De acordo com as fontes sobre ele, aos dezenove anos e mais tarde outra vez aos vinte e quatro, uma nova religião foi revelada a ele da parte de Deus. Ele se proclamou como o último e mais elevado profeta de Deus e o próprio “paracletos” prometido por Cristo.¹⁷ As obras de Mani foram preservadas parcialmente.¹⁸ Sua principal obra, *Epistola Fundamenti*, começa com as seguintes palavras: “Mani, o apóstolo de Jesus Cristo, pela

¹⁴ IRINEU, *Contra as heresias*, 1.26.1-2.

¹⁵ Irineu foi o primeiro a desenvolver este último ponto. Ver: *Contra as heresias*, 3.3.1.

¹⁶ Sobre Mani, ver: MYERS, Allen C. *The Eerdmans Bible Dictionary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987, p. 686; também CROSS, LIVINGSTONE, 2005, p. 1033, e a extensa bibliografia sobre Mani ao final do verbete.

¹⁷ Cf. SCHAFF, SCHAFF, 1910, vol. 2, p. 501.

¹⁸ Cf. CROSS, LIVINGSTONE, 2005, p. 1033.

providência de Deus Pai. Estas são as palavras da salvação provindas da fonte eterna e viva”. Ele também prefacia uma carta a seu discípulo Marcelo em termos similares: “Maniqueu, um *apóstolo* de Jesus Cristo, e todos os santos que estão comigo, e as virgens, a Marcelo, meu amado filho: graça, misericórdia e paz sejam contigo, da parte de Deus Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo”.¹⁹ Seus discípulos o consideravam como Deus vindo à terra: “Um *apóstolo* veio do Paraíso da luz, com um nome digno, o Ilustre, Deus, Mari Mani”.²⁰ Numa suposta autobiografia de Mani temos a narrativa de sua chamada:

Naquele ano do reinado do rei Ardaschir, o “paracletos” vivente veio sobre mim e me falou. Ele me revelou o mistério que havia sido ocultado dos mundos e das gerações... ele me ensinou o mistério da árvore do conhecimento da qual Adão comeu, pelo qual seus olhos foram abertos, e o mistério dos *apóstolos* que foram enviados ao mundo.²¹

À semelhança de Marcião, Mani também ensinava que os apóstolos originais de Cristo haviam pervertido os ensinamentos dele sob influência do judaísmo. Mani, como o paracletos prometido, tinha vindo para restaurar esses ensinamentos.²² É claro, portanto, que Mani se via não somente como mais um apóstolo de Jesus Cristo, mas como o verdadeiro e último deles. A maneira como ele se apresenta, “apóstolo de Jesus Cristo”, sugere que ele imita o apóstolo Paulo na introdução de suas cartas.

Mani organizou sua religião numa hierarquia estrita. A igreja maniqueísta era liderada por doze apóstolos, dos quais Mani e seus sucessores (como Pedro e os papas, alegavam eles) eram a cabeça. Depois vinham 72 bispos e debaixo deles presbíteros, diáconos e evangelistas.²³ Eusébio, o historiador, se refere a ele desta forma: “Ele buscou se passar por Cristo e, estando inchado de orgulho em sua loucura, proclamou-se o paracletos, o próprio Espírito Santo; e mais tarde, como Cristo, escolheu doze discípulos como parceiros de sua nova doutrina”.²⁴

¹⁹ Cf. NEWMAN, Albert H. Introductory Essay on the Manichæan Heresy. In: SCHAFF, Philip (ed.). *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series: St. Augustin: The Writings Against the Manichæans and Against the Donatists*. Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1887, vol. 4, p. 24.

²⁰ Cf. SCHMITHALS, 1969, p. 138.

²¹ SCHMITHALS, 1969, p. 149.

²² SCHAFF, SCHAFF, 1910, vol. 2, p. 505.

²³ SCHAFF, SCHAFF, 1910, vol. 2, p. 507.

²⁴ EUSEBIUS OF CAESAREA, The Church History of Eusebius. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (eds.). *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series: Eusebius: Church History, Life of Constantine the Great, and Oration in Praise of Constantine*. Trad. Arthur Cushman McGiffert. New York: Christian Literature Company, 1890, vol. 1, p. 317.

Em resumo, na literatura maniqueísta o advento de Mani é visto como o fim da era apostólica, pois ele era o apóstolo da última geração. Como Jesus Cristo, ele designou doze apóstolos e 72 bispos itinerantes. Mani se considerava o apóstolo de Jesus Cristo *par excellence*, sendo ao mesmo tempo o paracletos prometido.²⁵

Apesar de as ideias de Marcião e Mani terem sido rejeitadas e consideradas heréticas, elas sobreviveram por muito tempo em alguns grupos. Entre esses grupos destacamos os “paulicianos”, no século VII.²⁶ Eles floresceram especialmente na igreja oriental, no Império Bizantino, alcançando o ápice no século XII, em plena Idade Média. Existe dúvida quanto à origem de seu nome. A posição mais aceita é que se deriva do apóstolo Paulo, o apóstolo predileto deles, à semelhança de Marcião. O fundador da seita foi Constantino, um seguidor das ideias de Marcião que morava na Síria e era, aparentemente, um maniqueísta. Apesar de ter sido perseguida e martirizada, a seita se espalhou, cresceu e envolveu-se em conflitos sangrentos, até desaparecer em meados do século XII. O grupo pregava a necessidade de reforma da igreja e organizou-se originalmente em quatro níveis de apóstolos, profetas, itinerantes e copistas, dos quais somente os dois últimos permaneceram. A honra de “apóstolos” ficou para os fundadores.

Dos exemplos de Marcião, de Mani e de alguns grupos que se inspiraram neles, percebe-se que era essencial para os movimentos heréticos reivindicar autoridade apostólica, quer sob a forma de linhagem histórica, quer como representantes exclusivos dos apóstolos ou da sua doutrina, ou ainda como aqueles que receberam revelações exclusivas e que iam além daquelas dadas aos apóstolos de Cristo e a Paulo. E não somente isto, era crucial para eles organizar seus movimentos no formato de organizações apostólicas. É impossível não perceber a semelhança do movimento da Nova Reforma Apostólica com estes movimentos heréticos antigos.

3. EDWARD IRVING

As pretensões de grupos heterodoxos de restaurarem a verdadeira doutrina apostólica ou de se alinharem com o verdadeiro ensino apostólico, em busca de reconhecimento e legitimação, continuou através da história da igreja. O islamismo, por exemplo, é talvez o mais importante de todos esses grupos na Idade Média, com seu fundador, Maomé, reivindicando ser o profeta ou apóstolo de Deus (Alá).²⁷

²⁵ Ver o elucidativo artigo de VAN OORT, Johannes. The paraclete Mani as the Apostle of Jesus Christ and the Origins of a new Church. In: HILHORST, A. (ed.). *The Apostolic Age in Patristic Thought*. Boston: Brill, 2004, p. 139-157.

²⁶ Sobre os “paulicianos”, ver: SCHAFF, SCHAFF, 1910, vol. 4, p. 573-578; CROSS, LIVINGSTONE, 2005, p. 1251-1252.

²⁷ Cf. SCHAFF, SCHAFF, 1910, vol. 4, p. 183-188. No Alcorão, Maomé é constantemente chamado de *rasul Allah*, “apóstolo de Deus”. Cf. SCHMITHALS, 1969, p. 194-197.

Todavia, queremos avançar para mais perto de nossa própria época, para o século XIX, quando Edward Irving (1792–1834) iniciou o seu ministério.²⁸ Irving era um ministro da igreja presbiteriana da Escócia que veio a pastorear uma igreja escocesa em Londres. Eloquentemente pregador, não demorou a se tornar popular e conhecido, atraindo multidões com suas pregações veementes contra o pecado e os males sociais da sua época. Sua popularidade era tão grande que tiveram de abrir uma igreja maior para acomodar os ouvintes, a Igreja Nacional Escocesa.

Infelizmente, Irving começou a adotar ideias estranhas e doutrinas polêmicas que o colocaram no centro de diversas controvérsias com os ministros das demais igrejas reformadas de Londres. Na área da escatologia, ele estava convencido de que o fim do mundo estava próximo e chegou a marcar o retorno de Cristo para 1868. Acreditava que antes disto haveria de acontecer um avivamento espiritual de grandes proporções entre os judeus, com a restauração de Israel e o retorno pessoal de Cristo, seguido do milênio literal na terra. Na área da cristologia, Irving passou a defender que Cristo tinha assumido uma natureza humana pecaminosa e que havia sido preservado de pecar pelo poder do Espírito Santo.

Sob a influência de A. J. Scott, um de seus assistentes, Irving passou a acreditar que os dons espirituais mencionados no Novo Testamento – línguas, profecia e curas –, bem como o ofício de apóstolo e de profeta, estavam para ser restaurados antes da vinda de Cristo. De acordo com D. Martyn Lloyd-Jones,

Irving declarava que a Igreja ainda era apostólica, que apóstolos e profetas não haviam cessado no período inicial, mas que era necessário que ainda houvesse apóstolos e profetas que tivessem revelações, declarações proféticas e que falassem em línguas.²⁹

Em outubro de 1831, alguns membros da igreja de Irving começaram a falar em línguas, profetizar e a exercitar dons de cura nos cultos, dando início a uma grande controvérsia. O conselho de sua igreja se colocou contra ele e exigiu que proibisse essas manifestações durante os cultos. Irving se recusou e o conselho, então, apelou para o Presbitério de Londres, que determinou que Irving deixasse o pastorado da igreja. Ele saiu acompanhado de 800 membros

²⁸ Para a biografia de Edward Irving, ver: GRASS, T. G. Irving, Edward. In: LARSEN, Timothy et al. (eds.). *Biographical Dictionary of Evangelicals*. Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003, p. 326-328. Ver também: MATOS, Alderi Souza de. Edward Irving: precursor do movimento carismático na igreja reformada. *Fides Reformata* 1/2 (1996), p. 5-12. Cf. especialmente DALLIMORE, Arnold. *Forerunner of the Charismatic Movement: The Life of Edward Irving*. Chicago: Moody, 1983.

²⁹ LLOYD-JONES, David Martyn. *The Church and the Last Things*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1998, p. 138.

e fundou uma igreja independente em Newman Street, noutra parte de Londres. Na nova igreja, Irving continuou a esperar a restauração do ministério apostólico e a permitir que os profetas e as línguas se manifestassem durante os cultos, inclusive interrompendo a sua pregação. Irving adoeceu e morreu de tuberculose em 1834, com 42 anos de idade. Conforme Alderi Matos, “nos seus últimos seis meses de vida, Irving estava convencido de que seria curado da enfermidade que o acometera; porém, a cura não veio e ele deixou de tomar precauções que talvez tivessem evitado sua morte trágica e prematura”.³⁰ No ano anterior, o Presbitério de Londres o havia julgado por heresia e deposto do ministério presbiteriano.

Apesar das grandes diferenças teológicas entre Irving e os heréticos Marcião e Maniqueu, não podemos deixar de observar o mesmo desejo de restauração do ministério apostólico como o caminho para purificar e restaurar a igreja naquilo que entendiam ser a verdade. Irving não assumiu nenhuma prerrogativa apostólica para si mesmo, mas seus ensinamentos sobre a restauração desse ofício acabaram influenciando a sua igreja, que veio a adotar o ofício de apóstolo. Ele pode ser considerado não somente o precursor do movimento pentecostal, que só viria a ocorrer cerca de 70 anos mais tarde, mas também foi um dos que contribuíram para a popularidade da ideia da necessidade da restauração do ministério apostólico como forma de reavivar e revitalizar a igreja de Cristo antes de sua vinda.

3.1 Irvingitas: a Igreja Católica Apostólica

Em 1849 a igreja de Irving adotou o nome de Igreja Católica Apostólica. Seguiu basicamente a visão dele quanto à restauração do ministério dos apóstolos, embora rejeitasse os elementos carismáticos de seu trabalho, como línguas e profecias. Essa igreja, também conhecida como os irvingitas, reivindicava que Deus estava restaurando em seu povo os ministérios de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4.11), para purificar, unir e preparar a igreja para a vinda de Cristo.³¹ Estabeleceram doze apóstolos, que saíram pelo mundo a pregar as doutrinas da igreja em vários países. O ponto central da mensagem deles, à semelhança de Marcião, Mani e Irving, era que a igreja cristã havia se desviado das suas origens e que a restauração dela ao seu estado original era a condição para que Cristo voltasse. A restauração do ministério dos apóstolos era essencial para que a restauração da igreja acontecesse.

Abraham Kuyper viveu na época em que esses apóstolos estavam em plena atividade, e dedicou uma seção de seu famoso livro sobre o Espírito Santo, intitulada “Apóstolos hoje?”, a examinar as pretensões dos apóstolos

³⁰ MATOS, 1996, p. 11.

³¹ Sobre a Igreja Católica Apostólica, ver: CROSS, LIVINGSTONE, 2005, p. 308-309.

irvingitas. Ele declara que se os irvingitas tivessem usado o nome de apóstolo no sentido de homens levantados por Deus para levar avante sua obra, como os reformadores, por exemplo, não haveria problema. Mas o fato é que eles se julgavam apóstolos como os Doze e Paulo, tendo a mesma relação especial que eles tinham para com a igreja de Cristo. Kuyper conclui que os tais são falsos apóstolos, passando-se por ministros de Cristo.³²

Além de movimentos marginais dentro da cristandade, seitas como a Igreja dos Santos dos Últimos Dias – mórmons – também perceberam a necessidade de apelar para a restauração do apostolado para legitimar seus ensinamentos. Joseph Smith, o fundador do mormonismo, organizou em 1835 o quórum de doze apóstolos para governar a igreja mórmon, liderados por um apóstolo sênior, sistema que existe entre eles até o dia de hoje.³³

O movimento da “nova reforma apostólica” nada mais é, em nosso parecer, que mais um desses movimentos de restauração apostólica que aqui e acolá aparecem na longa história da igreja cristã, denunciando a apostasia da igreja (por vezes, estando corretos em suas críticas) e se apresentando como os legítimos intérpretes dos apóstolos de Cristo e mesmo seus fiéis representantes.

4. RESTAURANDO A IGREJA SEM NOVOS APÓSTOLOS

Marcião, Mani, Maomé, Irving, a Igreja Católica Apostólica, os mórmons e outros grupos que não foram aqui mencionados, todos eles justificaram suas reivindicações alegando a corrupção da mensagem original de Jesus Cristo, quer pelos próprios apóstolos, quer pelos seguidores dos apóstolos e pela igreja cristã posteriormente. Todos eles clamaram por um retorno ao ensino verdadeiro de Cristo e todos se apresentaram como aqueles através de quem essa verdade, que estava oculta ou que fora corrompida, se manifestaria de maneira final e plena. Para tal, era necessário o ressurgimento de apóstolos, semelhantes aos de Cristo, através dos quais Deus traria essa verdade e a restauração da sua igreja.

Obviamente, discordamos veementemente de Marcião, de Mani e de tantos quantos acusarem os apóstolos de Cristo de terem distorcido ou não entendido a mensagem do Senhor. Todavia, isto não quer dizer que a igreja cristã, depois dos apóstolos, não possa ter caído em erros, erros graves e sérios, a ponto de obscurecer e distorcer a mensagem simples do evangelho. Na verdade, cremos que isto aconteceu e tem acontecido.

A própria Reforma do século XVI, como o nome já indica, foi um movimento que surgiu em busca da reforma espiritual, doutrinária, litúrgica e eclesiástica da igreja cristã, que durante a Idade Média havia se corrompido

³² KUYPER, Abraham. *The Work of the Holy Spirit*. New York: Funk & Wagnalls, 1900, p. 160.

³³ Ver Mormonism. In: REID, Daniel G. et al. *Dictionary of Christianity in America*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1990; CROSS, LIVINGSTONE, 2005, p. 1122-1123.

e apostatado da mensagem de Cristo e dos apóstolos. Uma das grandes diferenças entre a Reforma e esses movimentos mencionados acima é que os reformadores do século XVI queriam uma reforma com base no retorno ao ensino dos apóstolos de Cristo conforme estão nas Escrituras. Em que pese a importância histórica e teológica que Calvino, Lutero, Zuínglio, Melancton e os demais tiveram, jamais pretenderam ser sucessores dos apóstolos e nem mesmo ter um *status* similar a eles. A restauração e reforma da igreja aconteceriam, não mediante a autoridade de novos apóstolos, mas pelo retorno ao ensino dos apóstolos originais. E foi essa Reforma que de fato levou a igreja cristã de volta às suas origens. Nenhum outro movimento de restauração ou reforma produziu resultados tão abençoadores e permanentes para a igreja cristã até os dias de hoje.

CONCLUSÃO

A história da igreja traz vários exemplos de homens que se levantaram denunciando os erros dos apóstolos de Cristo e de seus seguidores, reivindicando possuir a verdade e arrogando-se como apóstolos de Cristo ou possuidores de um *status* similar. Dentre eles, mencionamos Marcião, Maniqueu, os irvingitas, os mórmons e outros.

O que eles têm em comum, além de ensinamentos estranhos ao cristianismo histórico, é a ideia de que a restauração e a reforma da igreja cristã deve ser levada a efeito por apóstolos, tais quais os Doze e Paulo. No meu entender, a busca desse título, embora justificada por um aparente fim nobre, que é o restabelecimento da verdade do evangelho, sempre esteve contaminada por motivações próprias do coração humano corrompido. Creio que Wayne Grudem resumiu muito bem esse ponto em sua obra *Systematic Theology*:

Nenhum dos principais líderes da história da Igreja – nem Atanásio ou Agostinho, nem Lutero ou Calvino, nem Wesley ou Whitefield – assumiu para si o título de “apóstolo” ou se deixou chamar de apóstolo. Se alguém nos tempos modernos deseja tomar o título “apóstolo” para si mesmo, imediatamente surgem suspeitas de que pode estar sendo motivado por um orgulho inapropriado e desejos de autoexaltação, junto com uma ambição excessiva e um desejo por mais autoridade na igreja do que qualquer outra pessoa poderia ter de direito.³⁴

Alguns desses movimentos, como os irvingitas, declararam que a restauração do ofício de apóstolo na igreja seria feita pelo Senhor para preparar a sua vinda, uma reivindicação muito parecida com a dos defensores da “nova reforma apostólica”. Contudo, como bem observa Kuyper,

³⁴ GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology*. Grand Rapids: Zondervan, 1994, p. 911.

[...] o Novo Testamento frequentemente menciona os eventos e sinais que precederão o retorno do Senhor. Eles são registrados em tais detalhes que muitos acham possível predizer a data em que isto acontecerá. Ainda assim, entre todas estas profecias, não encontramos o menor sinal de um apostolado posterior.³⁵

A esta altura, cremos que já tenha ficado claro que o movimento neopentecostal de restauração do apostolado é apenas mais um entre vários grupos que se levantaram ao longo da história da igreja buscando, para servir aos seus propósitos, o poder e a autoridade que foram próprios somente dos Doze e de Paulo.

ABSTRACT

This article deals with the historical and theological roots of the so-called “new apostolic reformation”, a movement that has appeared in recent years within neopentecostal circles. The author examines, first, the claims to the apostolate of Christ made by gnostic leaders in the first centuries of the Christian church. Then, the apostolic movement initiated by Edward Irving, claiming the need for apostolic restoration in preparation for Christ’s second coming. The article closes with a comparison of the main difference between the Reformation and these apostolic movements, that is, that the reformers attempted to reform the Church by going back to the apostles’ teachings, while these movements want to reform the Church by restoring their office.

KEYWORDS

Apostles; Apostolic succession; Edward Irving; Elders; Mani; Marcion; Irvingites; Church fathers; Protestant Reformation; Ecclesiology; Church government.

³⁵ KUYPER, 1900, p. 158.